

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	ANNO — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 141	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	21 DE NOVEMBRO 1882	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Carlos Ribeiro, BRITO REBELLO — Estabelecimentos scientificos de Portugal, Jardim botânico da universidade de Coimbra, R. — De como tive um D. Manuel de presente, JULIO CESAR MACHADO — As nozes gravuras — Successos do Egypto, R. — Cartas do Douro, MONTEIRO RAMALHO — O amigo visconde, ALBERTO BRAGA — Ephemerides-Artisticas-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

**GRAVURAS.** — Portel — Carlos Ribeiro — Jardim botânico da universidade de Coimbra — Pelourinho da Aldeia Gallega da Merceana — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

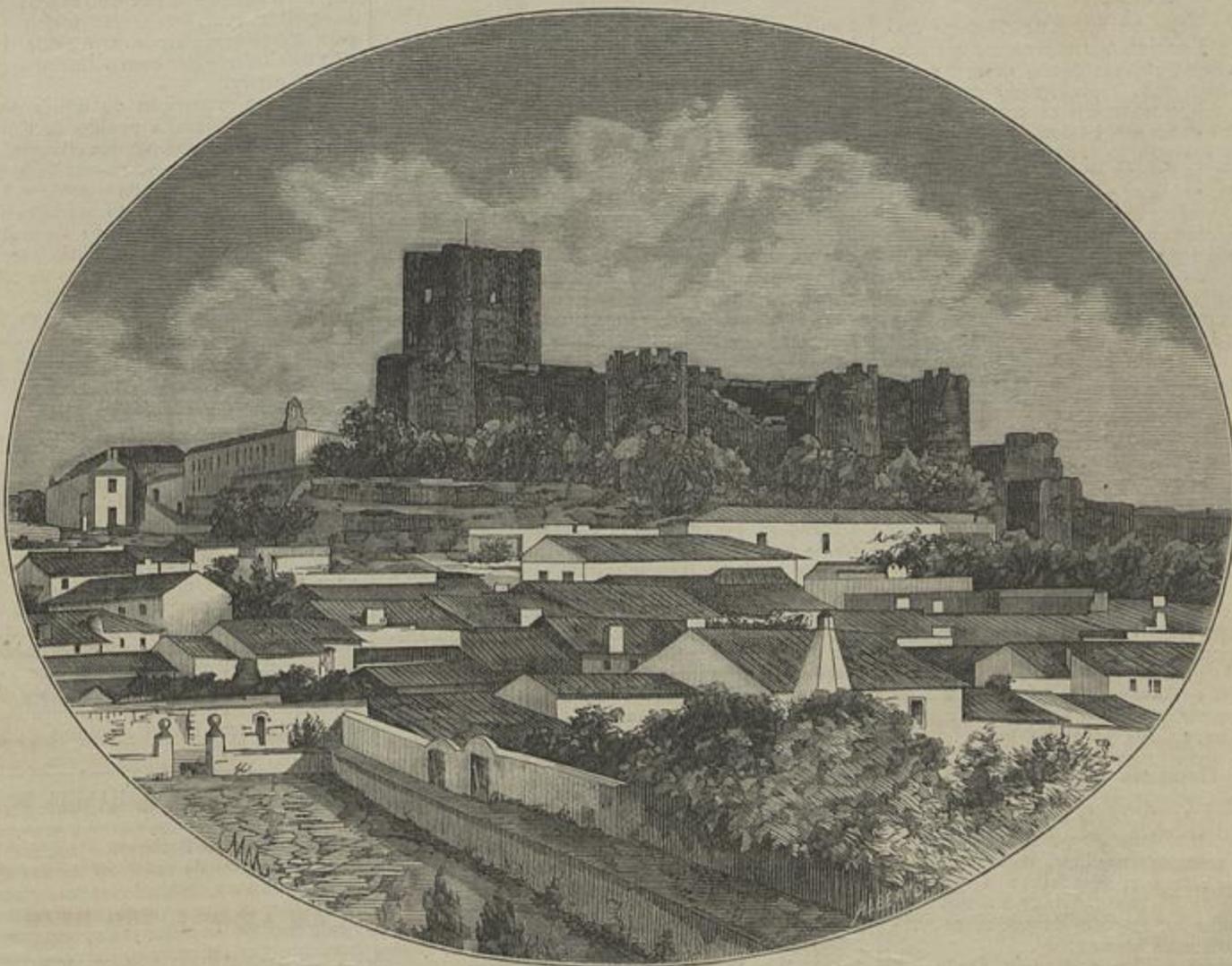
O assumpto dominante ainda em Lisboa, o thema de acaloradas discussões, continua a ser o tenor Gayarre. Comprehende-se facilmente isto, dado o merecimento notavel do illustre cantor, merecimento que alguns querem contestar, a sua celebridade universal, que é incontestavel, e dada tambem a falta de outros assumptos importantes, que entretivessem as atenções da capital.

De ordinario os acontecimentos do theatro de S. Carlos tomam sempre longa parte na vida lisboeta; n'essa platêa agitada e tumultuosa quebra-se a indiferença habitual do nosso publico, essa indiferença invulneravel ás questões politicas, ás questões sociaes, ás questões artisticas, e ahi, de dentro do portuguez frio, sorumbatico e taciturno apparece por umas poucas horas, todas as noites, o meridional expansivo, turbulento, ruidoso, impressionavel, prompto a ba-

ter-se por um barytono, a bater por causa d'uma nota, a arrostar a morte, por causa d'uma cadencia, e fazer uma revolução por causa d'uma escala chromatica.

Depois, o panno cae, as portas do theatro fecham-se, e o meridional desaparece. O governo lança-lhe impostos pesados, injustificados e injustificaveis, e elle paga-os calado e submisso, elle que momentos antes, quasi que pegava em armas por lhe terem augmentado tres tostões no preço d'um bilhete da galeria de S. Carlos; a auctoridade tira-lhe todas as liberdades, e elle fica indifferente, elle, que é capaz de fazer uma revolução se lhe tirarem uma cavatina: que um ministro faça a fio dez emprestimos, pouco se lhe dá, mas que o empresario de S. Carlos lhes não dê a fio cinco vezes a mesma opera; tolera de cara alegre um mau ministerio durante muitos annos, mas não supporta durante tres horas um mau tenor! ¶

## PORTUGAL PITTORESCO



PORTEL (Segundo uma photographia)

Ora se effectivamente isto é sempre assim todos os annos, se por um phenomeno inexplicavel, o theatro de S. Carlos exerce permanentemente esta influencia estranha e original, sobre o temperamento portuguez, este anno a presença em Lisboa d'um artista com o nome extraordinario de Gayarre; fazendo-se pagar por um preço tão extraordinario como o seu nome, e alterando completamente o velho bom habito de se ter theatro lyrico pelo preço dos cavallinhos, explica completamente como S. Carlos se tornou o principal assumpto de Lisboa.

A ausencia de acontecimentos importantes fóra do mundo theatral, faz ainda augmentar a importancia d'esse assumpto, e com certeza, se uma forte constipação não nos impedisse de assistir á recita dos *Puritinos*, a terceira opera cantada pelo illustre tenor em Lisboa, a nossa chronica teria de ser consagrada, em grande parte, á execução d'essa opera.

A *Coryza*, sejamos graves e cortezes para com esta impertinente matrona, livrou porém os leitores do Occidente de nós, pela fatalidade do meio, irmos arrastados na corrente, e lhes darmos aqui o ecco d'essas continuas discussões, que vão sendo já soffrivelmente massadoras.

Entretanto se sahimos de S. Carlos, não temos remedio senão entrar n'outros theatros para buscar assumptos, pois teem elles sido os monopolisadores d'esse melro branco da vida de Lisboa, n'estas ultimas quinzenas, a não nos embrenharmos nas altas questões diplomaticas travadas entre o governo portuguez e a curia romana.

Entre o sr. Masella porém e a actriz Lucinda Simões, preferimos, sem hesitar um segundo, Lucinda Simões, e por tanto em vez de lhes fallarmos em confirmações de bispos, fallar-lhe-hemos na *Therèza Raquin*.

Creio piamente que não nos levarão a mal a preferencia, se já viram a criação assombrosa que Lucinda fez da ignobil heroína da tragedia de Zola.

Dizia-se por ahí, prestando a homenagem que era impossivel deixar de prestar ao excepcional desempenho do *Demi-monde*, que Lucinda Simões era realmente extraordinaria na comedia; mas que no drama... hum!

Quando correu a noticia de estar em ensaios a *Therèza Raquin*, houve no publico um certo movimento de mau humor!

— Que demonio! para que se vae ella metter n'isto; ella que representa comedia como ninguém, para que deixa a comedia e vae para o drama!

Finalmente a primeira noite da *Therèza Raquin* chegou, e Lucinda que representa a comedia como ninguém, representou o drama, como ninguém até hoje tinha representado em portuguez, usando unicamente dos processos da arte moderna, esses processos baseados na observação da vida no estudo do natural, e despresando completamente todos os effeitos da convenção, toda a gritaria, todos os gestos largos e as poses tragicas que na velha arte marcavam indistinctamente as situações dramaticas violentas.

O desempenho de *Therèza Raquin* por Lucinda Simões tem perante a critica não só as honras de um triumpho pessoal da actriz, mas tem as glorias de um triumpho completo, o primeiro em Portugal, da arte moderna.

Quando a sr.<sup>a</sup> Marini esteve em Lisboa pretenderam alguns, ainda que poucos, entusiastas d'essa actriz, justificar a monotonia a simplicidade permanente, a reprodução constante do mesmo typo, dos mesmos gestos, das mesmas inflexões, das mesmas expressões, em scena, baptizando-a de realismo.

Por essa occasião parece-nos que notámos aqui mesmo, ou notamol-o algures, que comprehender assim o realismo no theatro era um perfeito absurdo critico.

O realismo no theatro não é o ser-se no theatro o que se é cá fora. Isso é o avesso completo da arte de representar. O realismo no theatro é o ser-se inteira e completamente o personagem imaginado pelo dramaturgo.

A simplicidade individual não é senão a falta de recursos. Ser natural em scena, não é o ter na scena a naturalidade pessoal é ter a naturalidade do personagem que se representa.

O realismo no theatro é Lucinda Simões na *Therèza Raquin*.

A individualidade da actriz desaparece totalmente na individualidade do personagem.

Nem n'um gesto, n'um olhar, n'uma phrase, n'uma expressão sequer, se advinha a formosa mulher que fez da *Baroneza d'Ange* a gentil peccadora que tinha o segredo de todas as elegancias e de todas as fascinações.

*Therèza Raquin*, é *Therèza Raquin*, desde que o panno se levanta no primeiro acto até que elle cae sobre o quarto acto da peça.

Lucinda Simões estudou nas suas pequenas miuciosidades esse caracter de mulher, estudou-lhe o modo de fallar, o modo de olhar, o modo de andar, todos os insignificantes promenores cujo *ensemble* constitue uma individualidade, um typo, um temperamento e depois de ter arrancado pelo estudo demorado e intelligente, pela observação profunda e conscienciosa esse personagem das paginas mortas do livro, insuflou-lhe a vida com o seu possante talento, e fel-o mover-se, agitar-se, viver a sua vida propria e humana no palco.

Uma criação scenica é isto, é isto a arte moderna, é isto o naturalismo no theatro.

E os que hontem, admirando Lucinda Simões como a nossa primeira actriz de comedia, duvidavam que ella fosse igualmente grande no drama, convenceram-se hoje que Lucinda é uma grande actriz de comedia, e ao mesmo tempo uma grande actriz dramatica, isto é em absoluto uma actriz completa e maravilhosa.

— O theatro de D. Maria, prepara um grande acontecimento artistico, que por doença d'um dos nossos artistas mais distinctos, o actor João Rosa, não poudé ainda, como esperavamos, fornecer-nos assumpto para a nossa chronica de hoje, — a representação do *Othello*.

O drama shakspeareano está ensaiado e prompto. A empresa de D. Maria, que tem levantado a *mise-en-scene* theatral entre nós á sua verdadeira altura, põe em scena a peça de Shakspeare com todo o esmero e propriedade que ella requer.

A peça sobe á scena em beneficio do actor Brasão, que vae arrostar com as difficuldades enormes do desempenho d'esse colosso do grande repertorio — o personagem de *Othello*.

A curiosidade do publico está vivamente excitada com esta primeira representação, que mostra que a empresa de D. Maria emprega todos os seus esforços para elevar o nivel litterario do theatro portuguez.

Estes esforços são tanto mais louvaveis quanto os governos não se importam coisa alguma com as questões d'arte.

— Na nossa chronica de hoje temos uma noticia triste, a da morte do distincto geologo o sr. Carlos Ribeiro.

O Occidente presta hoje n'outro lugar, como é do seu dever a devida homenagem a esse morto illustre, registando essa morte que é uma perda scientifica para o paiz.

Gervasio Lobato.

## CARLOS RIBEIRO

Não foi uma surpresa, mas foi uma grande perda.

Quando ha poucos mezes noticiavamos nas paginas d'este periodico o desaparecimento de uma das mais vastas intelligencias d'esta terra, o illustre engenheiro de minas Schiappa d'Azevedo, mal podiamos imaginar que nova fatalidade viria, tão breve, privar a mineralogia de Portugal de outro dos seus mais nobres cultores.

Falta grande e irreparavel é, n'um paiz pequeno como o nosso, onde poucos individuos se dedicam a certas e determinadas especialidades, soffrer em um lapso de tres mezes duas perdas tamanhas: um no vigor da idade e maturidade de espirito, outro já um tanto no declinar da vida, apesar da natural robustez, que, annos antes, não poderia fazer prever fim tão proximo.

Já por 1880, na occasião da reunião do Congresso de Anthropologia e Archeologia prehistorica, Carlos Ribeiro se achava soffrendo fortemente de um grave padecimento de bexiga. Operações, porém, felizes e resignadamente soffridas melhorando consideravelmente o estado do illustre geologo, tranquilisaram os seus amigos, e a elle proprio, que pareceu algum tempo depois reasumir parte da sua actividade.

Não era ainda muito velho, e nem mesmo apesar dos ultimos padecimentos e de algumas contrariedades de vida, aparentava a idade que tinha. Attingia quasi a idade 60 annos, pois havia nascido em Lisboa a 21 de dezembro de 1813. Estava então a findar a guerra peninsular, deixando no paiz um echo vigoroso de amor da independencia e da liberdade. Quando apenas contava sete annos, Portugal palpitava de um extremo ao outro ao som magico das palavras — liberdade e constituição, — que eram então o mote mais levantado das aspirações populares.

Não se apagam do coração nem do espirito as impressões que se recebem na infancia; Carlos Ribeiro provou com a sua vida esta verdade.

Seguiu os estudos, e quando em julho de 1833 a capital se viu abandonada pelo exercito miguelista, apavorado pelos echos que chegavam da batalha de Cacilhas, exultou de alegria. A mocidade

correu a alistar-se sob as bandeiras constituicionaes. Alguns d'esses homens, que são hoje generaes de brigada e coroneis, cruzaram então as correias sobre o peito e marcharam com a espingarda ao hombro. Carlos Ribeiro foi d'esse numero, assentando praça a 4 de agosto de 1833 e recebendo o baptismo de sangue nas linhas de Lisboa. Acabada a campanha em 1834 foi proseguir os estudos, escolhendo continuar o serviço na arma de artilheria, como o general Zucchely e outros. Findo o curso foi promovido a 2.º tenente em 28 de julho de 1837. Tres annos depois a 26 de novembro de 1840 foi elevado a 1.º tenente. Seguiram-se os movimentos politicos de 1842, 1844 e 1846, Carlos Ribeiro tomou parte n'alguns d'elles, especialmente no ultimo, pelo que em 1847 foi collocado na 3.ª secção do exercito.

Tendo travado relações de intimidade com outro distincto official de artilheria José Victorino Damasio, que procurara na direcção de trabalhos scientifico-industriaes os meios que lhe não podiam dar o escasso meio soldo, tambem Carlos Ribeiro se aventurou a dedicar-se á industria mineira, para que lhe dera incentivo a practica metalurgica, estudada nas officinas que aquelle illustre cidadão, e depois seu cunhado, então dirigia.

Quando em 1852 se organisou o ministerio das obras publicas, pouca importancia tinham ainda as minas do paiz, mas logo depois se reconheceu que o pouco que havia era necessario fiscalizado e estudado, e Carlos Ribeiro foi então chamado para aquelle ministerio, ficando na repartição technica como chefe da secção de minas.

Este ramo da nossa riqueza foi porém tomando incremento e desenvolvimento, e pouco a pouco alguns dos mancebos mais intelligentes que concluíram os cursos superiores, vinham juntar-se em torno do illustre engenheiro. Primeiro Ferreira Braga, depois Schiappa e Delgado, logo Neves Cabral.

Hoje era no Alemtejo, ámanhã na Beira, no outro dia em Traz-os-Montes ou Minho, que elles iam fazer reconhecimentos, verificar pesquisas, examinar trabalhos e demarcar concessões. Dentro de alguns annos o paiz via-se esmaltado de focos mineiros, que faziam espalhar sobre elle a abundancia, a vida e a civilização em varios pontos onde até ahí só se viam as urzes e os calhaus.

Crearam-se tambem por esses tempos os estudos geologicos, de que o sr. dr. Francisco Antonio Pereira da Costa era o verdadeiro luminar, indo sempre de accordo todos os engenheiros nomeados, reunindo-se até muito a miudo em casa d'este sabio venerando, onde tiveram occasião de conferenciar com o illustre geologo inglez, Daniel Sharp.

Creada a repartição de minas no ministerio das obras publicas, a pedido de Carlos Ribeiro, visto o desenvolvimento que ellas tinham tomado, foi elle, naturalmente, nomeado seu chefe. Ao mesmo tempo foi creada a commissão geologica, sendo o sr. dr. Costa nomeado seu presidente. Data d'esta epoca, o desvio natural de Carlos Ribeiro dos trabalhos de minas para os de geologia, sendo nomeado membro director da referida commissão em 1857.

(Continúa)

Brito Rebello.

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

JARDIM BOTANICO

DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Em o nosso vol. III, pag. 1 e 65 publicámos as gravuras da sala da bibliotheca e a da sala dos actos da universidade de Coimbra, acompanhadas de dois bellos artigos do sr. dr. Augusto Philippe de Simões.

Foi este cavalheiro tambem convidado agora, para escrever o artigo com referencia ao jardim botanico da universidade, artigo que infelizmente nos não chegou a tempo para o inserirmos n'este numero, aguardando o podel-o fazer em algum dos proximos numeros, em que publicaremos tambem outras gravuras que temos d'este importante jardim botanico, o primeiro do nosso paiz e que não tem inveja a muitos da Europa.

R.

## DE COMO TIVE UM D. MANUEL DE PRESENTE

(Continuado no numero antecedente)

Sendo rei de Portugal o senhor D. João V, que se regalou de subir ao throno da idade de dezasete annos, e tendo apenas decorrido nove annos depois que aquelle monarcha se regalava ainda melhor de já ser rei, appareceu-lhe em Lisboa, no mez de outubro de 1734, um senhor seu irmão, de vinte e oito annos de idade, que fugira do reino quando tinha onze annos, e se conservava ausente até áquella data.

Vinha triste, e, não poderia dizer-se pobre, porém mal remediado, esse mancebo. Olhos vivos e penetrantes, faces cavadas, rosto sobre o comprido, cabello corredio, dentes desirmanados, figura airosa. D. João V não o haveria talvez recebido de tão boa feição como succedeu mostrar-lhe, se não fôra a excellente disposição de animo em que n'aquelle dia se encontrava, propenso a perdoar, a esquecer culpas, e a não estar de fallas tolhidas com ninguem. O que fizera, o que havia feito, porém, aquelle filho mais novo de D. Pedro II, por esse mundo, e á tóa, desde os onze annos?

Vinha em tanta maneira sério, que parecia de mais avantajada idade do que os annos que tinha; soberbo e impertigado, porém, como que *enfeitando-se* com o mundo.

D. João V — passado o tempo da primeira surpresa, suavizada pelo annuncio da chegada, que lhe foi dado pelo conde de Tarouca, — teve grande curiosidade de o tornar a vêr, e deu-lhe a alegria para rir muito e muito.

Foi esse riso considerado, de principio, como mau signal; depois se viu, porém, que o rei tratou seu irmão com muito agrado em quasi todo o tempo que elle se demorou em Lisboa; e entre-tinha-se a perguntar-lhe quantas particularidades lhe pareciam curiosas da sua carreira de aventuras. O mancebo era bem fallante, tinha talento natural, expressava-se com graça, e, do que vi nas correspondencias, conclue-se que D. João V por vezes queria ouvir o parecer d'elle em alguns assumptos. Se queria ou não queria, é difficil agora averiguar: o que parece certo é que ouvia de boamente a descripção das correrias d'esse heroe, e se comprazia em que uma e mais vezes repetisse, de como fôra que se resolvera, em idade tão tenra, a embarcar ás escondidas em Belem, n'um navio inglez, e ir-se á ventura. O rei insistiu em que elle tinha ido com outros amigos, e havia sido mal aconselhado; porém o infante affirmava, que, havendo ceiado em Belem, e tendo ali feito conhecimento com um embarcadiço, se resolvera, de momento, áquella empreza de ir por esses mares fóra, movido do desejo de vêr mundo; e de se escapar de seguir o estado ecclesiastico, para o qual nenhuma vocação sentia, e que el-rei teimava em lhe querer dar. Que dois creados o não haviam querido deixar partir sózinho, e, para o segredo ficar mais seguro, consentira em os levar na sua companhia. Que ao romperem de Portugal as ordens para que de Paris, onde elle estava a divertir-se, o mandassem para cá em occasião segura, o enviado de Portugal respondera que ali se achava effectivamente o infante, mas que não podia sair de lá sem pagar as dividas que ali contrahira, embaraço que se resolveria mediante uma letra de cento e cinquenta mil libras, que ia saccar sobre Lisboa. Vêr o infante essa tal letra, e desconfiando-a, foi obra de poucos momentos, mas levou-lhe ainda assim mais tempo, do que a pensar no enviado do rei de Portugal, seu augusto irmão, ou nos creadores, que lhe faziam a honra de esperar por elle.

Jurando e como quem se accusa humildemente de uma culpa, — porém sem fazer reparo algum nos fidalgos que para ali estavam, e a quem sempre tratou como creados, dizendo-se de uma occasião surprehendido de vêr que de creados do paço se compusesse em Portugal a nobreza toda — referia este D. Manuel, que lhe pesava agora a lembrança que tivera de haver ido dar comsigo á campãna da Hungria, e não só comsigo mas com o dinheiro que levára de França, marchando logo a apresentar-se no quartel general dos imperialistas, a tempo ainda de tomar parte na victoria de Peterwardim (a 5 de agosto de 1816) em vez de, melhor encaminhado, ir formar parte da esquadra commandada pelo conde de Rio Grande que el-rei enviara em auxilio de Corfu, situada pela esquadra ottomana.

Juizo fallado ninguem o teria melhor, e eram palavras estas, para serem acolhidas com agrado, como effectivamente o foram por D. João V, que levou a sua bondade a encarecer de louvor a serenidade de animo que observava em seu irmão: — El-rei meu pae, retorquira D. Manuel, era docil e prudente, mas nem por isso deixou de ser elle que compelliu o sarraceno á fuga em Orão e em Ceuta. Se não houvesse vossa magestade mostrado tanto empenho em que eu fosse padre, nenhuma das loucuras da minha vida teria eu agora que lamentar... Mas, se tão grandes sommas se tem dispendido com o mandar missionarios ás conquistas, não é muito que haja indulgencia para mim, que me fui sózinho a conquistar a minha independencia.

Por um momento ia principiando novo agastamento de el-rei, cujo animo não poderia soffrer taes replicas, muito mais em occasião tão mal es-

colhida para as soltar, achando-se ali presentes pessoas da côrte, que haviam sido testemunhas da grande bondade com que D. João estava tratando aquelle cavalheiro errante, que assim parecia revoltar-se contra a indulgencia com que se via acolhido.

Mas, D. Manuel proseguiu sem demora a sua narrativa, e a curiosidade fez dissipar um pouco a impressão menos agradável que cortara de subito o animo do rei.

(Continúa)

Julio Cesar Machado.

## CARTAS DO DOURO

### I

O comboio galga o ultimo penedo, e eu deponho rapidamente a planta sobre o asphalto da gare, com a intima e palpitante satisfação de quem escapa de um perigo, vago mas favoroso. Em breve elle solta um guincho ensurdecedor, arrasta-se surdamente como um monstruoso reptil, e vae ruidosamente sumir-se na pansa hiante de um tunnel, abandonando por um momento a sua longa e trabalhosa peregrinação atravez dos rochedos assoberbantes, que lhe marcam e cercam sempre, rigorosamente, a via torturada.

Com effeito, desde que elle se aventurou audazmente a seguir a margem direita do Douro furibundo, o penhasco rude e violento appareceu-lhe constantemente na frente, como uma tragica ameaça, que a dynamite arteiramente venceu, mas que nem por isso deixa de estar sempre n'uma espectativa imminente de desforra; o comboio, entretanto, é manhoso, sabe caminhar por aqui a passo brando, respeitadamente, como reconhecendo a indiscutível soberania dos penedos carrancudos; e se tanto estes como os bruscos recostos o obrigam implacavelmente a fadigas interminaveis, torcendo-o em successivas curvas, forçando-o a trotar subidas resfolegantemente, e a saltar pontes com prudencia, o certo é que elle vae-se livrando e esgueirando habilmente, e domina-os pela submissão interesseira. Comtudo, em dias de inverneira asperissima, ou ou outro pedregulho inquieto apesar das suas proporções ás vezes consideraveis, dá-se o extravagante capricho de resvalar até á linha; e é para vêr então como o comboio desapontado se chega reciosamente ao pé d'elle, pára resignado, e despeja alli os pobres viajeiros ainda mais desapontados, que vão adiante, passando por cima do sarcástico obstaculo pacificamente estatelado, refugiar-se á pressa n'um outro comboio mudo e quedo, como que encolhido n'um vexame. Então, ás proprias fendas escancaradas das rochas são gargalhadas triumphaes, e o endiabrado rio, lá em baixo, turvo e ameaçador, levanta um feoz rugido de prazer.

Este monstro, tambem, nunca julgou ter de soffrer, impotente, que uma locomotiva esperta viesse correr sinuosamente ao longo do seu terri vel desfiladeiro, tortuoso, sombrio, e imponente. Desde as idades ignotas que elle por aqui imperava absolutamente, com as suas tragicas fúrias indomitas, travando luctas eternas com os duros fragoedos marginaes, erriçados e tenebrosos, e desancando de longe em longe entre pequenos areaes, á sombra dos altos montes coroados de pinheiras murmurantes; com a navegação, os barqueiros romanos e os modernos barqueiros transmontanos, conseguiram já domal-o valentemente, se bem que pagando sempre uma enorme contribuição de vidas e barcos submersos; mas o que sobretudo deve encolerisal-o é que agora um commodo e systematico caminho de ferro se sirva livremente d'este valle estreito, que tanto lhe custou a arranjar, e por onde a locomotiva irreverente espalha a cada hora, victoriosamente, um louco bando de échos tremulos e estridulos. Mas, como a rocha furada e vencida, o rio desprezado espera screnamente o dia da desforra formidavel; elle vae correndo por entre as fragoas negras, com uma apparencia soberbosa e indifferente; mas a via ferrea fica-lhe bem perto, d'ella ás suas aguas tragicas medeiam quasi sempre apenas uns despenhadeiros temiveis, cyclopicos, que nos dão uns inevitaveis calafrios quando de cima olhamos, curiosamente, debruçados nas portinholas, e vemos lá no fundo as turvas aguas empoçadas n'uma pacatez sardonica. Se o comboio se descuida!

De resto, este meu Douro que já um dia amovavelmente me quiz afogar, ha de sempre ser rancoroso; eu conheço a sua lenda, que o cobre d'uma ferocidade inextinguivel. Contaram-m'a n'outros tempos á lareira deleitosa e amiga, quando, sob as noutes borrascosas, os ruidos medonhos das serras, do proprio rio, e dos arvoredos sibilantes de ventaneira infrene, me enchiam

d'um grande respeito pelas cousas fabulosamente superiores, esmagado de crença. Imaginem que no dia em que o bom Deus fez nascer da terra os rios, todos elles, á divina voz de commando, começaram lentamente a seguir o seu caminho para os mares longinquos, menos o Douro, que, violento e casmurro de nascença, desobedeceu logo, preferindo rabugentemente deitar-se a dormir. Já os outros iam chegando ao termo da sua viagem demorada, quando o Douro acordou, e bruscamente, vendo-os tão avançados, tomou-se d'um raivoso phrenesi de rivalidade, jurando que havia de chegar ao mar ao mesmo tempo que elles. Então, cego, impetuoso e indomavel, o caprichoso Douro largou tumultuosamente n'uma correria phantastica, alagando as terras, submergindo gentes e rebanhos, rasgando as montanhas, cavando abysmos, despenhando catadupas, convulsionando cachoeiras, avançando vertiginosamente por todos os lados sem nunca parar, espumante, ingente, damnado, e atravez dos mais gigantescos obstaculos momentaneamente vencidos, chegou antes de todos á sua foz, triumphante e orgulhoso, estendendo-se soberbamente pelo mar fóra, emquanto que ao longo de todo o seu curso forçadamente aberto, uma babel infernal de lamentos, imprecações e cóleras subia furiosa. Mas d'este extraordinario triumpho, ficou-lhe sempre um desespero sombrio do seu esforço, refere e corre eternamente apertado no seu leito doloroso, como sob um castigo severo do bom Deus desobedeçido, — e todas as vezes que hoje o admiro, acho perfectamente explicada a sua lenda primitiva e rude.

Deixemos, porém, o rio com os seus rancores. O viajante estranho a estas paisagens torvas, vendo o diligente comboio sempre flanqueado por duas fileiras carrancudas de montes, a uma das quaes elle se agarra tenazmente, e que por toda a parte fecham os horisontes ondulosos, parecendo impenetraveis, sem continuidade, deve ás vezes ter a extravagante sensação de ir percorrendo o leito secco d'um antigo lago, exhausto, immenso, de que o rio fosse ainda um magro esgôto; entretanto, pelas encostas escarpadas teem-se condensado vegetações luxuriosas, onde o sobreiro esguio de ramarias crespas e a gôrda oliveira folhosa põem a sua nota lugubre; o victorioso pinheiro levanta a rama obscura largamente espalhada pelas asperas eminencias; e o choupo lantejoulado ao vento e ao sol, e o castanheiro enorme brutalmente vicejante dissidem risonhamente da côr verdeneira imperante. Onde a rocha lhe não declara guerra mortal, o lavrador vae trabalhosamente aproveitando as terras, segurando-as em escadarias toscas e possantes de socalcos, que no alto Douro, onde a vinha gloriosa reveste generosamente as encostas successivas, são construidos methodicamente, em constantes e longas fileiras regulares, que estragam o grandioso da natureza sempre montanhosa. Mas pelas alturas, tudo é escalvado; e de longe em longe vê-se uma serra orgulhosa emergir sobranceiramente no mar convulso dos montes os seus bruscos hombros titanicos, d'onde parte sobre o azul um monstruoso rendilhamento de cabeços erriçados, que um fulvo sol esbrazeado castiga luminosamente, despejando a sua grande luz inflammada pelos valles abaixo. Ao mesmo tempo o ar, por aqui, é d'uma transparencia deliciosa nos dias alegres; vêem-se a distancias infinitas as cumiadas longinquas nitidamente recortadas, azuladas e doces; e o vasto azul do ceu é d'uma suave intensidade óvante e virginal, encantadora, que se espiritualisa perto dos horisontes n'uma tenue alvura, d'onde devem ser talhadas as tunicas immaculadas dos anjos.

Porém não é só ao longo da margem abrupta do Douro, galgando os iracundos precipicios, ou entallado entre enormes trincheiras anfractuozas e echoantes, que o pobre comboio soffre as asperezas do solo inclemente; já no baixo Douro elle é poderosamente forçado a fazer repetidos mergulhos subterraneos, demorando-se por vezes quatro minutos sob os tunneis tenebrosos, no meio d'um estrondo infernal de estridentes ferrarias e echos phantasticos; a via é tambem em zigzagues violentos atravez das accidentações bravias; e frequentemente uma ponte elegante e solida, elevadissima, salta regatos insignificantes que no veráo são pacificos milhares, — excepto o pittoresco Tamega, que corre sempre, encanado do seu fundo leito contorsionado e turbulento.

E assim vae luctando o progresso com a natureza obstinada, que é, como os senhores sabem, mãe d'elle, mas que parece invejal-o de vez em quando, tornando-o assim um novo Hercules bemfeitor e perseguido.

Outubro.

Monteiro Ramalho.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## PORTEL

É uma das mais pittorescas villas da provincia do Alemtejo onde é situada, nas visinhanças de Evora e Beja a 145 kilometros ao S. E. de Lisboa.

Já era povoação no tempo dos arabes e por isso anterior á fundação da monarchia, e D. Affonso III, em 1257, deu o senhorio de Portel a D. João Peres de Aboim, em premio dos seus serviços prestados á patria.

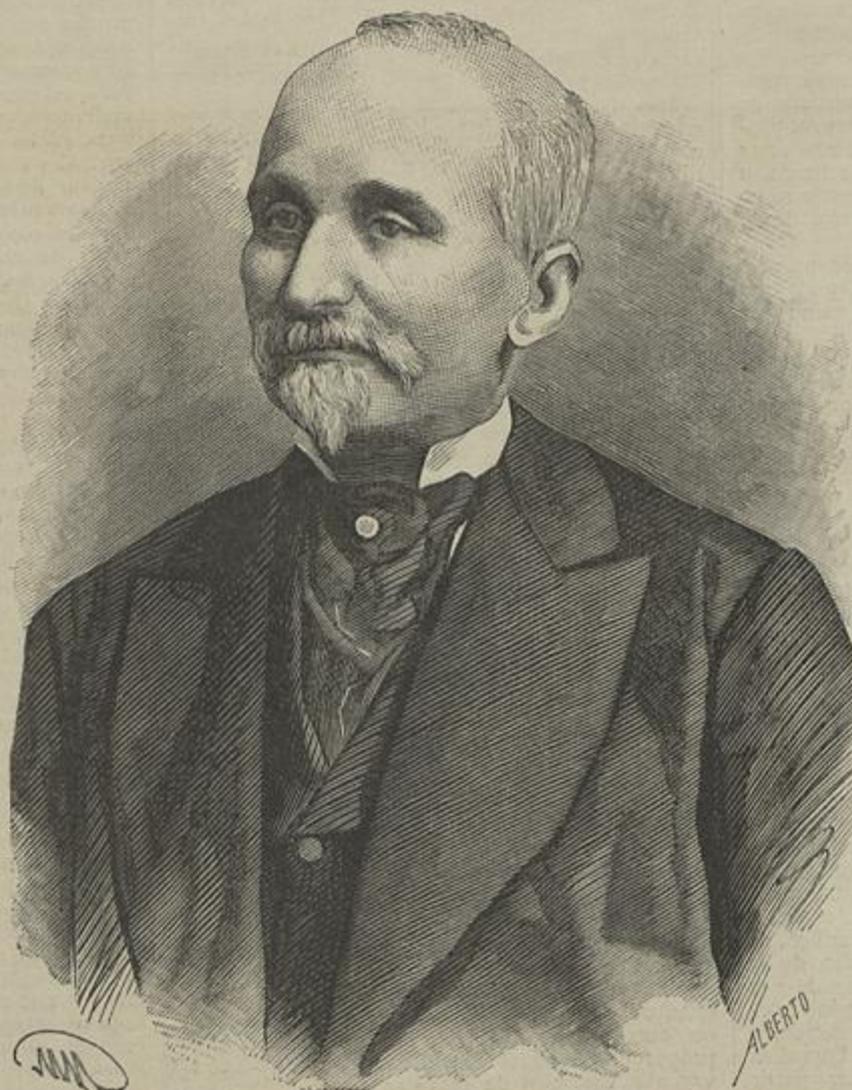
O vetusto castello que domina a povoação é obra do referido senhorio D. João Peres de Aboim, parecendo que el-rei D. Diniz lhe mandou construir novo cinto de muralhas.

Teve os seus tempos de prosperidade esta villa no seculo XVI, quando os duques de Bragança, muito agradados das bellezas do sitio, construíram um palacio dentro dos muros do castello de Portel, e n'elle residiam largas temporadas, concorrendo d'este modo para o desenvolvimento da villa, que chegou a ter mais de mil fogos, o que hoje está reduzido a metade, assim como o referido palacio, que jaz em completa ruina e abandono.

O concelho de Portel compõe-se de dez freguezias das quaes pertencem oito ao archiepiscopado de Evora e duas ao de Beja.

A villa tem uma só freguezia, a de Santa Maria da Lagoa, com 510 fogos.

Houve n'esta villa um con-



CARLOS RIBEIRO — Fallecido em 13 do corrente (Segundo uma photographia de Fritz)

vento fundado por Affonso Pires Farinha em 1268, de freires de S. João de Jerusalem, cujos commendadores se intitulavam bailios de Portel.

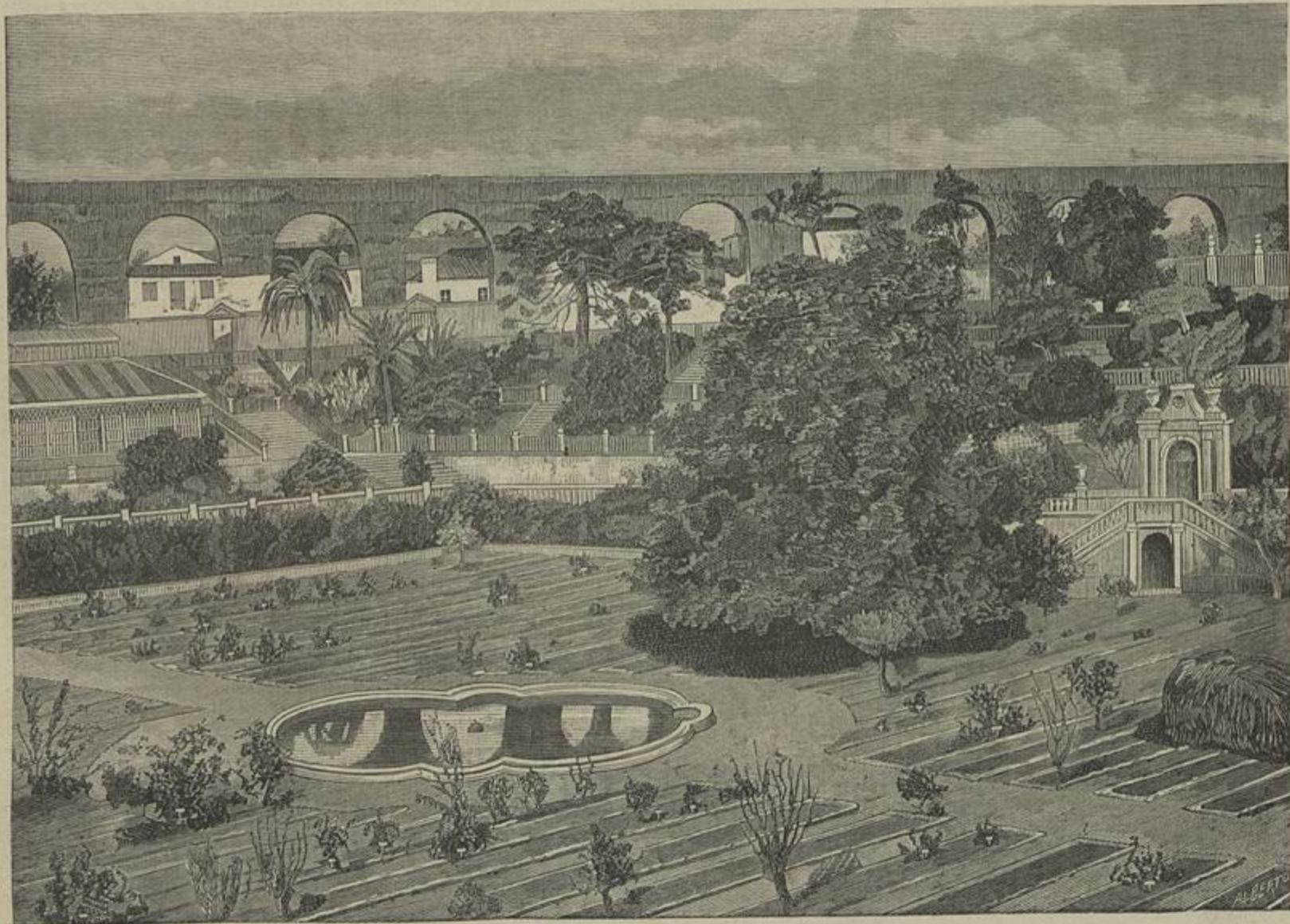
A nossa gravura forra-nos a descripção mais circumstanciada d'esta villa que, como se vê, está situada n'um alto, coroada pelo seu castello, e assente em terreno fertil para todos os productos agricolas, com bons ares saudaveis e abundancia de caça. N'estes ultimos annos tem sido ali exploradas algumas minas de cobre e outros metaes.

PELOURINHO  
DE ALDEIA GALLEGA  
DA MERCEANA

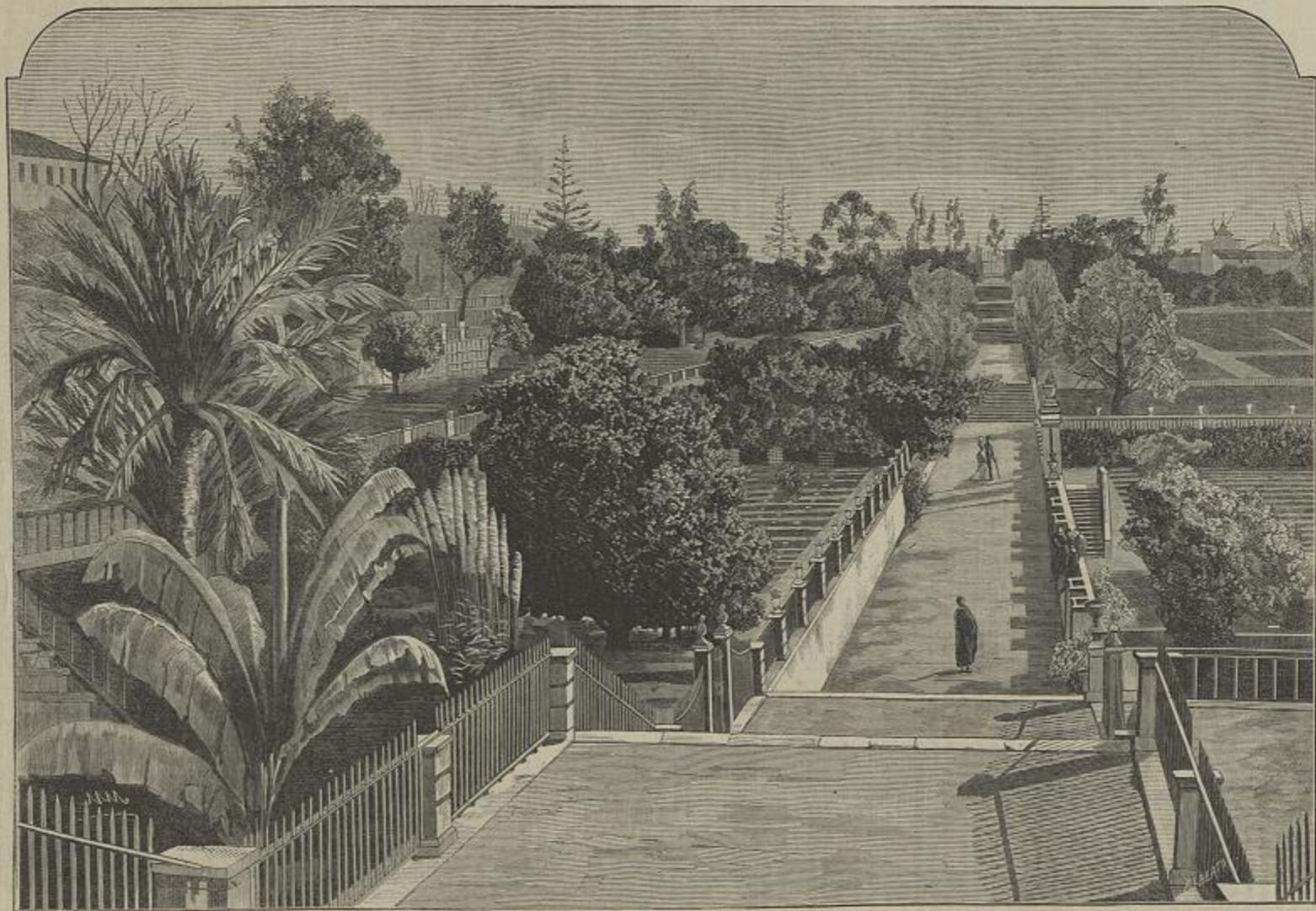
Augmentamos hoje a nossa collecção de pelourinhos com mais um que parece ser obra do reinado de el-rei D. Manuel.

O reinado de D. Manuel foi tão fertil em construcções, que parece não haver canto em Portugal onde se não encontrem vestigios do seu governo, não diremos isto por que a Aldeia Gallega da Merceana não tivesse os seus tempos de importancia e valor, pois que ainda hoje é uma das povoações mais laboriosas e productivas de Portugal, mas porque de facto a sabia administração d'aquelle reinado estendeu a sua influencia a todo o paiz.

Aldeia Gallega da Merceana é uma villa da provincia da Extremadura, que dista 60 kilometros ao norte de Lisboa, com 360 fogos e 1:400 habitantes.



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (Segundo uma photographia de Santos)



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMERA

(Segundo uma photographia de Santos)

Esta povoação que, primeiro teve o nome de Montes de Alemquer em consequencia de estar edificada nos Montes, passou depois para o valle na margem da ribeira da Merceana, e com essa mudança mudou tambem o nome, provavelmente por se assentar em terras gallegas, denominação que se dá ás terras que são saíras e pouco productivas.

Aldeia Gallega da Merceana, é hoje uma região vinhateira da provincia da Extremadura das mais importantes, e os seus habitantes lutam com a falta de communicações faceis, que lhe transportem os seus productos aos grandes mercados. A projectada linha do caminho de ferro de Torres deve trazer grandes benefícios a esta povoação, que muito desenvolverá o seu commercio, concorrendo para a riqueza commum do paiz.

## SUCCESSOS DO EGYPTO

X

Tendo dito o representante da Austria, barão Calice, que a opinião dos seus collegas francez e inglez era vaga, e que esperava uma proposição precisa e definida para sobre ella assentar o seu juizo; não podendo todos os membros da conferencia estar de accordo na maneira de encarar a questão do Egypto, porque, pela sua parte podia dizer que não tinha tido a mesma facilidade para procurar informações sobre o assumpto. Em todo o caso deviam começar por entenderem-se sobre o character da situação actual do Egypto.

A esta opinião adheriram os srs. de Hirschfeldt, representante da Allemanha, e Onou, representante da Russia.

O conde Corti, representante da Italia, comquanto estivesse um tanto ligado a estes tres embaixadores, comtudo manifestou a sua opinião favoravel ás idéas dos representantes da França e Inglaterra, o que por mais de uma occasião fez.

Lord Dufferin, respondendo, fez sentir que elle apenas exposera o estado das coisas, e antes de apresentar um plano geral e pormenor do assumpto, era mister estabelecer um principio, — que esse o definira precisamente, e era a intervenção do sultão para o restabelecimento do governo normal do Egypto. Mas que apesar de ser essa a sua opinião, a conferencia poderia apresentar outra. Que era conveniente, segundo o parecer do representante da Austria, mostrar que estavam todos concordes, que a missão de Dervish-pachá não devia ser prolongada, porque elle proprio a julgava abortada, crendo impossivel libertar o Khediva da pressão da facção militar, sem ter força á sua disposição.

Desde logo se viu que os ministros da Allemanha, Austria, e Russia procuravam dar outro caminho aos trabalhos da conferencia.

Não contaremos todos os pormenores das negociações, que proseguiram sem se chegar a um resultado positivo.

O sultão, não se negando explicitamente a adherir á conferencia, ia protraheo a nomeação do seu delegado, em quanto os representantes das outras grandes potencias discutiam com certa lentidão as propostas da Inglaterra e da França. Os seus governos, além d'isso davam-lhes instrucções nas quaes se lhes marcava, que podiam discutir a neutralidade do canal de Suez, abstendo-se porém de tomarem resoluções definitivas sobre a intervenção.

Comtudo todas as nações, menos Portugal, julgaram conveniente mandar forças navaes para as aguas do Egypto.

O governo egypcio, inspirado por Arabi-pachá, ia fortificando alguns pontos de Alexandria, Cairo, etc. e os estrangeiros continuavam a abandonar o paiz.

O sultão resolvido finalmente a entrar na conferencia, evitou quanto possivel resolver-se sobre a projectada intervenção.

Assegura-se, e com certa plausibilidade, segundo documentos já hoje do dominio publico, que o governo turco se eximiu a mandar tropas ao Egypto, porque a conducta de Arabi e do governo d'este paiz, era inspirada por suggestões, se não do proprio sultão, de certo de altos funcionarios que gozam da sua mais intima confiança.

Representando-se tanto ao governo do Egypto, como ao do sultão contra os armamentos e fortificações que se faziam n'aquelle Estado, que aliás não estava em guerra com potencia alguma, respondeu-se que as fortificações tinham cesado, e que não havia mais que os trabalhos ordinarios.

No entanto occorreu uma circumstancia que

mudou a face dos acontecimentos. O gabinete francez, presidido por Gambetta, que até ahí tinha ido de accordo com a Inglaterra em todos os passos dados, e até redigido muitos dos documentos diplomaticos apresentados em commum, pedira a sua demissão, e era substituido pelo gabinete Freycinet.

Este, não descontinuuando a politica até ahí seguida com relação ao Egypto, tomou porém uma resolução inabalavel, a de não intervir. Fazer todas as demonstrações diplomaticas sim, instar, representar, coadjuvar a Inglaterra, mas no caso de haver necessidade de obrar, retirar para o segundo plano.

(Continúa.)

R.

## O AMIGO VISCONDE

I

Valentina, com um roupão de flanela azul claro apertado com grandes botões de madreperola, viéra, ao fim da tarde, debruçar-se no peitoril da janella, que abria para o pomar.

Os cabellos loiros abundantes, alisados em dois bandós, escondiam-se sobre o pavilhão côr de rosa da orelha pequenina, e iam enrolar-se atrás, sobre a nuca.

Quando o vento, que agitava de leve a folhagem das arvores, lhe levantava na testa alguns cabellos seccos e finos, que reluziam ao sol poente como tenues fios de oiro em fusão, Valentina com a sua mãosinha delicada e graciosa ageitava-os com caricia.

Trazia um collarinho muito largo, á maruja, abatido até aos hombros, desaffogando-lhe o pescoço branco e forte de estatua até á raiz do collo. O roupão avultava-lhe as formas redondas dos seios, contornava-lhe a cintura, arredondava-lhe os quadris e descollova-se depois suavemente, em pregas d'uma só linha até ao chão.

Dentro, ao canto da sala, o marido observava-a com uma paixão sensual. Estava deitado de costas n'uma *chaise-longue*, o pé direito pendente roçando no tapete, a perna esquerda dobrada, de joelho no ar; e, com as palpebras meio cerradas, um charuto apertado no meio da bocca, soprava nuvens de fumo azuladas, que subiam em espiral até ao tecto. Sentia-se bem na doce somnolencia de pachá, sem cuidados, egoista, bem jantado, saboreando com o olhar aquella rapariga elegante e tentadora que o idolatrava.

— Alvaro, ó Alvaro! — chamou ella, sem se virar para dentro.

Elle teve um movimento brusco de gato aninhado ao sol, fez um esforço enorme para levantar o peso do corpo, abotoou o *veston* de flanela branca e arrastou-se até á janella.

Valentina não se mexeu. Alvaro passou-lhe o braço á cintura, apertou-a para junto de si com ternura, e debruçou-se ao seu lado.

— Que lindo isto é! exclamou ella a meia voz, n'um tom de respeito religioso — Que lindo!

E, apurando-se toda, a cabeça levantada, o olhar errando ao longe, ia apontando, com o braço estendido, os logares mais pittorescos da paisagem.

O sol cahira lentamente, como uma esfera de fogo esbraseada, por detraz das montanhas do horizonte. Algumas nuvens, amontoadas no poente, tinham ainda o aspecto phantastico de ruínas desmanteladas, batidas em cheio pelo clarão vivo de um incendio devorador. O azul carregado do zenith fa-se dissolvendo pouco a pouco, como um ligeiro esbatido, n'uma côr mais tenra de porcelana antiga, quasi verde, a que succedia uma barra d'um amarello doirado com uma franja extensa de purpura aveludada.

Os primeiros vapores do crepusculo cobriam tódo o valle d'uma tenue neblina fluctuante, dando ás folhas das arvores um tom azulado, mais carregado e triste. D'um lado e d'outro destacavam-se na sombra densa da collina grandes campos cultivados, bouças floridas, e em baixo, no sopé mesmo do monte, sobresahiam os casaes da aldeia apinhados. A estrada, que apparecia ampla, n'uma curva á direita, por detraz d'um pinhal cerrado, sumia-se entre os giestaes espessos dos vallados e surgia depois, mais regular, direita até á ponte, cortando o povoado como uma grande rua.

Para além do cabeço da colina, ao longe, appareciam serras escalvadas de cordilheiras distantes, esfumadas n'uma vaporisação lactea, que as confundia com bulções de nuvens.

As sombras tristes da noite cahiam lentamente... Um silencio profundo e uma vasta tranquillidade envolvia a aldeia toda. No azul alto do céu scintillavam, uma a uma, as estrellas. Para o norte, sobre a massa escura d'um pinhal, uma estrella maior, mais viva, destacada n'uma clareira, tre-

meluzia como uma luz branca de espelho que irradiava.

E, no fundo, por entre a fila de salgueiros melancholicos, as aguas do ribeiro arrastavam-se preguiçosas, masqueadas de scintillações prateadas...

Tinham assistido mudos, conservando Alvaro o braço passado á cintura de Valentina, áquella transição serena e tristonha do crepusculo para a noite.

O olhar fixo e extatico, os braços pendentes n'um abatimento langoroso ao longo do corpo, inerte, immovel, insensivel, Valentina deixou-se ficar na janella, absorta n'uma longa meditação que a arrebatava... Havia no seu rosto uma sombra de melancolia, semelhante a indefinida tristeza de uma pessoa, que assiste á agonia lenta d'um moribundo. A escuridão vaporosa da noite, que envolvia a natureza toda como um véo preto de escomilha, tinha-se estendido até á sua alma, e uns pensamentos vagos, fugitivos e incoerciveis surprehendam-n'a ali involuntariamente, aniquillando-lhe a consciencia e roubando-a da realidade.

Alvaro, pela sua parte, indifferente e extranho a todo aquelle sentimento, apurou-se, enfiou as mãos nos bolsos do casaco, e retirou-se para dentro da sala, enfasiado. A escuridão interior inquietou-o.

— Estamos em quarta feira de trevas! — disse elle contrariado, e caminhando direito para a mesa, agitou com força a campainha.

Valentina, ao retinir vibrante, estremeceu toda, passou os dedos pelos olhos, como quem acorda subitamente a meio d'um sonho, e suspirou.

— Olha que te constipas, filha — recommendou Alvaro, com um tom de ternura maternal.

O creado appareceu com um candieiro de globo fosco e *abat-jour* verde. Collocou-o no centro da mesa, e perguntou a Valentina se ordenava mais alguma cousa.

— Fui eu que toquei — disse Alvaro do lado — Era para trazer a luz.

O criado ia a retirar-se; mas ao chegar á porta e ao levantar as dobras do reposteiro, Alvaro chamou-o, para lhe perguntar se já tinha vindo o correio. Ainda não tinha vindo.

— Quem foi á villa buscar as cartas?

Tinha ido o tratador; porque o José estava doente, com um febrão.

— Bem — disse Alvaro.

O criado, então, sahiu da sala n'um passo respoiteo e discreto.

O *abat-jour* verde do candieiro concentrava n'uma grande intensidade a luz sobre o panno da mesa. Por toda a sala havia apenas uma penumbra, dando ás paredes, forradas de alto a baixo com papel escuro, uma côr indecisa, que entristecia. No estuque branco do tecto a chamma do candieiro projectava um circulo luminoso.

Valentina sentou-se na *chaise-longue* com o cotovello fincado no estofado e a cabeça reclinada na mão. Alvaro veio para junto d'ella, passou-lhe um braço em volta dos hombros, e principiou a beijal-a com meiguice.

— Tu que tens, amor? — dizia-lhe elle baixinho, muito chegado, n'uma grande effusão de ternura.

Valentina inclinava para elle os olhos quebrados de melancolia, e respondia-lhe que se achava bem, que era feliz...

— Ora, não és; eu bem sei que não és; — insistia Alvaro — mas has de vir a convencer-te um dia...

E, depois, para consolidar a sua opinião, acrescentava:

— Lembras-te do quadro triste de ante-hontem?

— O quê? — disse Valentina, olhando-o a fito. Alvaro proseguiu:

— Então, aquella pobre mulhersinha que encontramos morta no caminho quando vinhamos da ribeira?!

— Ah! — fez Valentina, fixando os olhos no circo luminoso da mesa.

Alvaro tomando-lhe a mão, exclamou:

— Pobre creatura!...

E amimando-lhe as costas da mãosinha branca: — Soffreu dôres horribes, para, afinal, morrer... ella, e morrer... o filho!

Disse isto com uma voz tremula de piedade.

— Feliz! — exclamou Valentina, como se fallasse para si.

Alvaro teve um sobresalto:

— Feliz! então tu achas feliz uma mãe que morre nas angustias insupportaveis do parto...

E, fazendo um gesto de mãos, como se quizesse affastar para bem longe do seu ventre aquelle mal, exclamava:

— Ai! que horror, santo Deus! Nem digas isso, filha!

Valentina emmudeceu.

A constante preocupação de ser casada e não ser mãe atormentava-a. A esterilidade apparecia-lhe como um castigo do céo. Haviam onze mezes que tinha casado, amava o seu marido com paixão, desejava ansiosamente ter um filho, que viesse consolidar aquelle affecto, e — era horrivel! — a Providencia negava-lhe a doce recompensa do seu amor. Certamente, era um castigo! E, quanto mais pensava na esterilidade do seu ventre, mais se lhe aformoseavam na imaginação as delicias, as ineffaveis ternuras e o indescriptivel gôso de ser mãe! Ah! aquella ideia humilhava-a! Sentia-se um ente defeituoso, uma creatura quasi monstruosa e incompleta; e, depois, expatriada para sempre d'um paraíso accessivel a todas as mulheres d'este mundo!

Em meio de tantas contrariedades, ainda mais a torturava a resignação do marido, resignação que lhe parecia uma cumplicidade no seu castigo...

Porque Alvaro, ao principio, estimava acompanhar Valentina em todas as suas aspirações. Os seus deliciosos projectos encantavam-n'o.

Sentia-se n'um mundo cheio de felicidades, em que entrava pela primeira vez, guiado por uma companheira encantadora. E a todas as sensações agradaveis do imprevisto a sua alma expandia-se n'um gôso de plena ventura. Identificára-se a Valentina, seguindo-lhe o seu pensamento, enleado, feliz, tão docilmente, como se ambos fossem, de braço dado, percorrendo, á luz do Amor, os extensos prados floridos da Phantasia.

Um dia, porém, como se estacasse de encontro a um obstaculo, Alvaro reflectiu um instante no futuro. Tinha-se deixado levar como um cégo; e recuou espantado, ao achar-se subitamente á borda d'um abysmo.

Alto! A vida de casado era uma deliciosa projecção da sua vida alegre de solteiro, mais completa ainda, mais equilibrada, se não viesse depois a canceira dos filhos perturbal-a.

— Oh! era horrivel! — pensava elle — Pae de familia!

E do fundo do seu egoismo, principiou a detestar as creanças recém-nascidas, que não falam, não têm physionomia... São como pequeninos animaes domesticos, que não divertem, mas que exigem mil cuidados e sacrificios!... Era agora o que lhe faltava! Que ridiculo! Passar de ser um rapaz a ser um *pater familias*... Horror!

Desde então, como se martellasse bem na sua consciencia essa resolução, assentou que a sua completa felicidade estava na esterilidade de Valentina.

Depois, quando ella se referia ao primeiro filho, Alvaro emmudecia, ou procurava logo novo assumpto de conversa.

A delicadeza de sentimentos, a candura, a innocencia mesmo de Valentina não lhe permitiam apreciar, desde logo, o sentimento de extraordinario egoismo do marido. Foi preciso que elle, mais tarde, lhe declarasse terminantemente o seu desejo. Então, toda a sua alma d'ella se retrahiu n'uma decepção angustiosa. As palavras de Alvaro soavam-lhe constantemente como uma blasphemia!...

Tinham ido passear pelos campos, antes do almoço, n'uma linda manhã de sol. Ao passarem de a egreja da freguezia, Valentina manifestou desejo de entrar, para rezar. Acompanhou-a Alvaro até á porta, e veio sentar-se no muro baixo do adro, á sombra de uma oliveira, a fumar, de pernas bamboleantes. Logo que Valentina assomou á porta, a sorrir, Alvaro dirigiu-se para lhe offerecer o braço a ella. Valentina, então, poisou-lhe a mão no hombro, e disse-lhe:

— Queria que tu entrasses, Alvaro.

— Ora — oppoz elle a rir — Para quê?... Vamos almoçar.

— Sim? — implorou ella, attrahindo-o — Entra.

— Mas para quê?

E Valentina um pouco rosada, tremula, conturbada de pudôr, murmurou-lhe com timidez:

— Anda; vem pedir a Nosso Senhor um filho.

— Ora!...

E um gesto brutal de desagrado, quasi um acesso de colera, que Alvaro, no momento, não pôde dissimular, foi a recusa mais formal.

Nunca mais Valentina lhe fallou no filho; mas o amor de Alvaro, que ella recebia como uma recompensa do seu casto amor, principiou a humilhá-la. Desde então, viu-se rebaixada da sua dignidade de esposa e abatida até á condição material de simples amante. Era apenas a causa dos seus prazeres sensuaes. As caricias, os beijos de Alvaro feriam-n'a como um ultrage ao seu pudôr. Reconheceu que faltava n'elle alguma coisa, talvez um principio superior de moral, que lhe transformasse as sensações em sentimentos...

O criado entrou de novo na sala, trazendo o correio. Uma carta para Alvaro, e os jornaes de Lisboa.

Elle veio sentar-se á meza, abriu a carta, estirou os braços, e principiou a lêr, collocando o papel sob a intensidade crua da luz. A carta era escripta de todos os lados, com uma calligraphia rasgada. Durante a leitura, Alvaro sorria-se, o olhar irradiava-lhe, e ao dobrar o papel, que produzia entre os dedos uns estallidos seccos da gomma, soltou uma gargalhada, e gritou:

— Este visconde tem uma graça!...

E proseguiu de novo, silenciosamente, saboreando a carta, com os labios na expectativa anhelante de uma nova gargalhada. Mas findou a leitura todo serio, tendo no olhar uma expressão vaga de saudade...

Ergueu-se, e foi sentar-se no sofá, a lêr pachorrotamente os jornaes. As noticias politicas — que horror! — interessavam-n'o pouco.

— Ai! é verdade — disse elle — S. Carlos abriu-se ante-hontem!...

E foi logo buscar no local dos theatros as noticias da primeira recita.

— Idiotas! — gritou elle a meio da leitura, levantando-se de subito, como se o tivessem mordido.

— Que é? fez Valentina, fixando-o espantada e toda tremula.

Alvaro respondeu de afogadilho:

— Imagina tu — disse elle, poisando o *Diario de Noticias* — que ante-hontem em S. Carlos deram uma pateiada á Bardonni! Que imbecis!

E, inflamado de colera, continuou:

— E não haver ali um homem que corresse a ponta-pés aquella canalha!

Valentina, por um acto de complacencia, fingiu-se interessada; e, para attenuar a indignação de Alvaro, observou-lhe:

— Mas então, filho... Talvez ella estivesse infeliz, doente...

Foi peor.

— Nunca — gritou Alvaro — Nunca!

E, accendendo agitadoamente um charuto na chaminé do candieiro, continuou, entre fumaras longas:

— Aquelles idiotas nunca viram nada! Acham que a Bardonni canta mal? — perguntava elle; e accrescentava com um sorriso de escarneo e rancor: — Que ridiculos! Querem talvez a Patti? Querem a Nilsson? Querem a Lucca? Ora, não ha!... Pois paguem! Então, por uns tristes mil e duzentos, ha-de vir a melhor companhia do mundo a Lisboa!...

Depois, passeiando a largos passos, como um bravo capitão sobre um tombadilho, em dia de tempestade, de mãos enfiadas nos bolsos do *veston*, exclamava, inquieto, com ameaças na voz:

— Devia eu lá estar!... Quem me lá déra para os ensinar.

Socegou um instante.

Valentina nem o ouvia sequer... No fim de tanto tempo, quando já todas as esperanças tinham desaparecido, uma a uma, como penas ligeiras de uma ave ferida, que o vento cruel arrebatava no seu impeto, accommetteu-a uma tristeza implacavel.

O desespero abalava-lhe até as creanças mais arreigadas. Pois não era aquillo uma injustiça divina?... A sua esterilidade!...

E Alvaro, com a voz serena, firme e cheia de quem revela uma verdade incontestavel, ponderou philosophicamente, depois de uma pausa:

— É por isto, e por mais nada, filha, que este paiz está perdido, e desconhecido lá fóra!

(Continua.)

Alberto Braga.

## EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1709. — Novembro 21. — Morre Antonio Marques Lisboa, que foi compositor e mestre da real camara, no tempo de D. Pedro II.

Nasceu em 1629.

1868. — 22. — Primeira recita dada no theatro do Principe Real de Lisboa, pela companhia dramatica do tragico italiano Ernesto Rossi. Foi com o drama *Kean*.

Em fevereiro Rossi deu uma nova serie de representações no theatro de S. Carlos.

1836. — 22. — E' creada a Academia Portuense das Bellas Artes.

1566. — 23. — O licenciado Duarte Nunes de Leão, finalisa a compilação das *Leis Estravagantes*, condenada sob as vistas do *Regedor das justicas do Reino*, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, e mandada reunir por ordem de Lourenço da Silva.

Foram entregues ao guarda mór da Torre do Tombo, Damião de Goes, que as guardou no dito archivo onde se acham em grosso volume de 322 folhas. Em 2 de outubro de 1559 a rainha regente D. Catharina determinou que pelo tempo de dez annos, depois da publicação d'estas leis, ninguem as podesse imprimir no reino sem consentimento do referido licenciado, sob pena de perda dos volumes que se encontrassem impressos e cincoenta crusados de multa, metade para a camara real e metade para o accusador.

1750. — 24. — Morre na aldêa da Ponte o padre Manuel Martins, mestre em artes na universidade de Coimbra.

1836. — 25. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no real theatro de S. Carlos, a grande opera de Rossini *Guilherme Tell*, desempenhada pela Matthey, Brighenta Carolini, Paganini, Magirotti Campognoli, Vicentini Canali e Furlani.

1842. — 26. — É approvedo o regulamento do theatro de D. Maria II, como escola normal dramatica.

1637. — 27. — Morre no mosteiro de Alcobaca Frei Antonio Brandão, chronista mór do reino, e continuador da monumental obra *Monarchia Lusitana*, começada por Frei Bernardo de Brito e continuada depois pelo seu irmão Frei Francisco Brandão, se bem que com menos pureza de linguagem, e finalmente por Frei Raphael de Jesus, escriptor incorrecto e descuidado.

Nasceu em Alcobaca em 25 de abril de 1584.

1874. — 28. — Debuta no Circo de Price dos artistas mr. Emilio e seus dois filhos denominados *Os Meteoros*.

1850. — 29. — Debuta no theatro de S. Carlos em Lisboa, da prima dona absoluta Clara Novello, com a opera *Beatriz da Tenda*.

1845. — 30. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa no real theatro de S. Carlos, a opera de Donizetti — *D. Paschoal* — desempenhada por Ranzi, Miró, Salandri, Catalano, etc.

1867. — 30. — Abertura inaugural do theatro da Trindade em Lisboa, com a comedia drama em 5 actos original de Ernesto Biester: *A Mãe dos Pobres* e a comedia *O xereç da viscondessa*, de Francisco Palha.

A abertura do espaçoso salão, destinado aos bailes de mascaras, conferencias, concertos, etc. teve lugar na noite de 29 de novembro de 1874.

### ERRATA

No artigo *Ephemérides* do ultimo numero do OCCIDENTE, linha 20, onde se lê *cabo Badajoz*, leia-se *cabo Bojador*.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DESCRIPÇÃO DO REAL ASYLO DE INVALIDOS MILITARES EM RUNA, *Importancia d'este estabelecimento, devido á esclarecida munificencia e piedade de uma illustre princeza. Dedicado a Sua Alteza o Ser.<sup>mo</sup> Senhor Infante D. Affonso Henriques*, por Augusto Carlos de Sousa Escrivanis, typ. Lallemand Frères, Lisboa, 1882. Um folheto de 32 pag. impressão de luxo, illustrado com a gravura do retrato da princeza D. Maria Francisca Benedicta fundadora d'aquelle estabelecimento, e mais duas gravuras, vista exterior do edificio e custodia da egreja.

Este folheto dá uma noticia muito circumstanciada d'este estabelecimento, fazendo a historia da sua fundação até hoje.

### ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Nunca é tarde para se fazer justiça a um heroe.

DESCOBRIMENTOS GUERRAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES EM TERRAS DO ULTRAMAR NOS SECULOS XV E XVI por C. A. Bettencourt, Lith. Matta & C.ª rua da Magdalena n.º 66, Lisboa.—4.º grande de que estão publicados já 25 fasciculos ou 384 paginas lithographadas, imitando a letra dos manuscritos do seculo XVI. Foi começada esta publicação por occasião da celebração do terceiro centenario da morte de Camões, 10 de junho de 1880, e como homenagem ao cantor das nossas glorias maritimas. Sofrendo ao principio certa demora, por causas que não conhecemos, entrou depois em seguimento regular, chegando já aquella obra historica, que abre com a conquista de Ceuta em 1415, aos successos do anno de 1593, devendo portanto achar-se proxima do seu remate.

Não é n'um pequeno artigo noticioso e critico, como os comporta o nosso periodico que se pode analysar, a unica obra original, nascida com o centenario de Camões e digna d'elle, e porisso as nossas palavras apenas servem de demonstrar o modo como apreciamos este livro.

Não é em Portugal facil empreza a publicação de uma obra historica d'aquella magnitude. Por experiencia sabemos quantas fadigas de olhos e de espirito ha mister empregar, quem se quer dedicar a tal empreza, para arrancar dos manuscritos ou livros dos registos publicos muitos factos e segredos que n'elles estão sepultados, e porisso primeiro que tudo louvaremos o auctor por se haver abalançado a tal trabalho. Seguindo, como não podia deixar de fazer, os primeiros historiadores dos nossos descobrimentos, e as relações publicadas durante perto de quatro seculos, faz a critica de todos e só dá por assentado aquillo que, segundo uma deducção logica, não pode soffrer contestação. Se pelas declarações de Cadamosto e Diogo de Cintra se tinha julgado o descobrimento das Ilhas de Cabo Verde em 1445, data que nem o visconde de Santarem, nem Lopes de Lima tinham acceptado mas transferido para 1455, o sr. Bettencourt o colloca em 1460. Podem n'uma ou n'outra parte precisar ainda de correccão as suas opiniões, taes como no que se refere ao descobrimento das diversas ilhas dos Açores, segundo documentos irrefragaveis, já publicados no *Archivo dos Açores*, mas, conforme sabemos, a obra do sr. Bettencourt concebida e trabalhada durante mais de doze annos, começou a publicar-se antes do auctor ter conhecimento d'esses novos monumentos historicos trazidos á luz da publicidade. Acham-se n'ella reduzidas ao seu verdadeiro valor as opiniões de Christovam Colombo e a do conselho que as examinou em Portugal, tão injustamente tratado por muitos historiadores, não

obstante ter sido a sua opinião accorde com a do de Castella. Publicam-se documentos importantes relativos aos descobrimentos dos infelizes Corte Reaes e de João Alvares Fagundes, é pena que o auctor não conhecesse outros que de perto se devem ligar com estes e com o descobrimento da America, mas quando apparecerem, estamos

so, na parte que editou, e que tinha perdido a sua tal qual importancia se não fora a revindicação que Major intentou a tal respeito. Ainda com relação aos primeiros descobrimentos dos portuguezes, merece alguma consideração o que escreveu o padre Civezzi.

Por ultimo diremos que o sr. Bettencourt tem já publicados tres mappas que acompanham a sua obra sendo um de parte da carta catalan, onde se pretendem achar designadas as ilhas dos Açores, outro de parte da America do Norte, onde estão notados os descobrimentos de João Alvares Fagundes, e outro mappa geral dos descobrimentos, com os rumos das principaes derrotas de Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Cabral, Fernão de Magalhães, etc. A obra sem ser vasta, é sufficientemente extensa para dar uma perfeita idea dos nossos descobrimentos e conquistas; merece ser lida, e pode ser consultada com confiança, por que o auctor se pecca por algum lado, é por muito rigor no apuramento da verdade, a qual o ha-de de certo fazer adicionar á sua obra, aquillo que o trabalho de outros escavadores tiver já descoberto e que possa ser util ao complemento da sua publicação.



PELOURINHO DE ALDEIA GALLEGA DA MERCKANA  
(Desenho do natural de J. Christino)

persuadidos que elle os aproveitará. N'este ponto esperamos anciosamente a obra do illustre americano Henrique Harisse que ha de trazer á historia dos Corte Reaes elementos valiosissimos.

Não podemos acompanhar o auctor em todo o seu livro por que é já extenso, mas é de lastimar que fabulas historicas, fundadas apenas na imaginação, e n'algum successo de secundaria importancia o façam perder tempo a discutilas, como a de Machim e Anna Arfet, já analysada largamente pelo sr. Rodrigues d'Azevedo nas notas ás *Saudades da Terra* de Gaspar Fructuo-

jornaes brasileiros e ainda outros, com relação á maneira como, o excellente estabelecimento do gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro, celebrou o terceiro centenario de Camões, e é mais um opusculo para as Camoneanas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

## AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empreza previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um ..... 3\$000  
Encadernados, cada um..... 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.ºs 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

**PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS**

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.